

Avaliação da informação sobre drogas e sua relação com o consumo de substâncias entre escolares

Information about drugs and its relation to drug abuse among high school students

Rafael Augusto Borges Pavani^I

Elissandro de Freitas Silva^I

Maria Silvia de Moraes^{II}

^I Médicos – Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto – SP (FAMERP)

^{II} Departamento de Epidemiologia e Saúde Coletiva da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto

Correspondência: Rafael Augusto Borges Pavani. Rua Monsenhor Bras Baffa 191 - Jardim Nazareth - São José do Rio Preto CEP 15054-210. E-mail: rpavani_med@hotmail.com

Resumo

Objetivo: Conhecer a percepção dos adolescentes sobre os programas de prevenção ao uso de drogas, e com quem eles aprendem e conversam sobre as drogas. Relacionar o consumo de drogas com essas informações.

Método: Foi realizado um estudo transversal com questionário anônimo autoaplicado em uma amostra proporcional de 1041 alunos do ensino médio no município de São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil.

Resultados: 89,2% dos alunos receberam orientação sobre drogas na escola. Os meios selecionados para a realização de programas de prevenção contra o uso de drogas foram: palestras 83,1%, televisão 72%, jornal 33,7%, cursos 29,3%, cartazes 27,8% e rádio 25,8%. Os meios que permitem diálogo e questionamento foram mais bem avaliados, enquanto os apenas informativos foram criticados. Os alunos conversariam sobre drogas principalmente com os próprios pais (56,6%) e os amigos (50,5%), seguidos de profissionais especializados e professores (30,4% e 22,7%, respectivamente). Eles relataram ter aprendido sobre drogas com os pais (66,5%), seguidos dos professores (60%). As revistas e jornais foram selecionados por 51% dos escolares, e os amigos por 41,4%. Foram relacionados a menor taxa de consumo de drogas lícitas e ilícitas no último mês, o relato de ter recebido orientação sobre drogas na escola, e ter aprendido sobre drogas com pais ou professores. **Conclusão:** Os adolescentes consideram os pais e professores suas fontes de conhecimento sobre drogas, porém preferem conversar a respeito com os pais e amigos. A escola é um local oportuno para abordar o assunto, utilizando para isso estratégias que permitam a reflexão.

Palavras-chave: Drogas ilícitas. Transtornos relacionados ao uso de substâncias. Estudantes. Comunicação em saúde.

Abstract

Objective: To find the perception high school students have of drug abuse prevention programs, from whom they learned and with whom they talk about drugs; to relate drug consumption to this information. **Method:** A cross-sectional survey was carried out in São José do Rio Preto, São Paulo, Brazil. A self-completion questionnaire was given to a proportional sample of 1,041 high school students. **Results:** 89.2% of the students received orientation about drugs at school. The communication media selected to promote drug prevention campaigns were: talk 83.1%, television 72%, newspaper 33.7%, specific courses 29.3%, posters 27.8%, and radio 25.8%. Media that allow dialogue and discussion were better evaluated while the merely informative media were more criticized. They would choose mainly their parents (56.6%) and friends (50.5%), followed by specialists and teachers (respectively 30.4 and 22.7%) to talk about drugs. They reported that they learned about the subject from parents (66.5%), teachers (60%), magazines and newspapers (51%), and friends (41.4%). Receiving information about drugs at school or learning about drugs from parents and teachers were associated to lower prevalence of drug consumption in the month before. **Conclusion:** Students consider parents and teachers as drug information sources; however they prefer to talk about this subject with parents and friends. The school is a suitable place to deal with drug abuse prevention, and strategies that permit the development of the students' reflexive and judgment skills should be used for that purpose.

Keywords: Street drugs. Substance-related disorders. Students. Health communication.

Introdução

A problemática do consumo de drogas entre adolescentes é abordada com frequência tanto em estudos científicos como nos meios de comunicação em massa^{1,2}. Diversos estudos têm procurado os fatores associados ao consumo abusivo e à experiência com drogas³⁻⁷. Contudo, dificulta essa avaliação a exposição dos jovens a situações complexas com a família, a religião, os colegas, a escola, os professores, a situação sócio-econômica e a cultura⁸⁻¹¹, ainda mais na adolescência, período marcado por conflitos de reafirmação social, familiar e pessoal¹².

Pesquisas descreveram alguns dos fatores influentes no consumo de drogas, como a pressão social do grupo, o fácil acesso social ou econômico e o não reconhecimento da possibilidade de dependência química^{5,6,10,13,14}. Monteiro et al. (2003), ao avaliar os resultados obtidos através de um jogo educativo com 62 adolescentes, referem que estes colocam como colaboradores no início do uso de drogas a escassez de diálogo franco em casa e no colégio¹⁵. Em entrevista com 32 jovens que nunca experimentaram drogas, Sanchez et al. (2005) identificaram o não-uso decorrente de bom relacionamento familiar e acesso à informação, enquanto 30 usuários referiram o início do consumo devido ao não acesso à informação sobre drogas na adolescência¹¹. Abramovay & Castro (2005), em um estudo abrangendo 14 capitais brasileiras, descreveram como motivos de uso de drogas ilícitas: busca por prazer, influência de amigos e família, pressão do grupo, conflitos familiares e pessoais e ingenuidade. Em menor grau, foi descrita a falta de informação¹⁶.

Em vista dos referidos dados, e por ser a informação manipulável pelos programas de prevenção, é essencial compreender como ela chega aos adolescentes. Ribeiro et al. (1998) analisaram a ideologia presente na mídia escrita em quatro textos dirigidos a adolescentes, encontrando a visão de um jovem indefeso, vulnerável, abordado de forma assertiva por textos que não permitiam

questionamento¹. Os textos alertavam para o “perigo” das drogas, seu “controle” sobre o usuário, desconsiderando a capacidade de raciocínio crítico do adolescente. Essa abordagem é comum nos programas de prevenção e não contempla a integralidade do indivíduo^{10,12,15,17}.

Cuijpers (2002) revisou pesquisas concernentes a programas de prevenção do uso de drogas em escolas, destacando a importância da interatividade, de atingir também a comunidade, e de usar os pares como líderes, para a eficácia da prevenção. Os programas apenas informativos resultaram em menor efeito¹⁷.

Em pesquisa realizada em 2003 com 1.035 escolares de escolas públicas em São José do Rio Preto – SP², foram obtidos dados referentes ao consumo de drogas e à informação sobre drogas, e que serão analisados no presente estudo, com o objetivo de conhecer a percepção dos adolescentes sobre os programas de prevenção, com quem eles aprendem sobre as drogas, e buscar a associação do consumo recente de drogas com os dados referentes ao recebimento de informação. Esse conhecimento é importante no planejamento de formas mais eficientes de transmissão da informação, visando a prevenção do consumo de substâncias psicoativas.

Material e método

O município de São José do Rio Preto situa-se no interior do Estado de São Paulo, e apresentava cerca de 380.000 habitantes no ano de 2003, com 15.134 alunos matriculados no ensino médio público, distribuídos em 22 escolas e 425 turmas². Os dados foram obtidos através de uma amostragem por conglomerados, proporcional segundo a localização da escola, a série e o período de estudo, realizada junto às escolas públicas do município. Considerou-se a turma como unidade amostral².

Foram sorteadas aleatoriamente 42 salas do ensino médio de 19 escolas públicas, e aplicados de maneira coletiva nas classes 1.041 questionários, mantidos sem identifi-

cação. O questionário continha 64 questões fechadas, com caracterização sociodemográfica, orientação sobre drogas, estratégias de prevenção e consumo de drogas². Também foram questionadas quais as pessoas escolhidas pelos alunos para conversar sobre drogas e com quem eles aprenderam sobre drogas. Havia 2 questões abertas, uma versando sobre o motivo da escolha do(s) meio(s) de prevenção contra o uso de drogas, e a última livre para comentários. Foram consideradas “drogas” as substâncias psicoativas lícitas e ilícitas abordadas no questionário, sem descrição de efeitos ou referência à legalidade do uso.

Os dados foram digitados no programa Microsoft Excel 2000[®] e a análise realizada com os programas Epi Info 2002[®] e Intercooled Stata 7.0[®], com frequências absolutas e relativas calculadas com intervalo de 95% de confiança, considerando a amostragem por conglomerados com a turma de alunos como unidade primária de amostragem (UPA) para todos os testes de significância. A existência de associação foi confirmada por meio da aplicação do teste do qui-quadrado com nível de significância de 5%.

As respostas abertas foram codificadas após identificação das categorias de respostas mais frequentes. Para facilitar a análise, algumas vezes foram realizados agrupamentos de algumas categorias. Os dados foram analisados para caracterizar o que os jovens pensam a respeito dos meios de prevenção contra o uso de drogas. A análise de conteúdo, segundo Bardin (1977), é um conjunto de técnicas de análise que permite informações sobre os atores sociais no contexto cultural em que estão inseridos¹⁸.

Participaram da pesquisa os alunos presentes na sala de aula no dia da aplicação, e que entregaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por responsável. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto – SP (FAMERP), protocolo 5561/2002, e cumpre os princípios éticos contidos na *Declaração de Helsinki*. Não há conflito de interesses no estudo.

Resultados

Dos 1.041 questionários aplicados, 6 foram desconsiderados por conterem informações conflitantes ou por ausência de fidedignidade. Como exemplos, em uma questão o aluno refere ter utilizado determinada substância, e logo na próxima nega o uso; relato de idade incompatível; uso de linguagem obscena despropositada. Dos 1.035 escolares avaliados, 48,1% eram do sexo masculino, 95,8% tinham entre 14 e 19 anos de idade, 97,3% eram solteiros e 60% estudavam no período diurno².

A Tabela 1 contém alguns dados sociais sobre os escolares. A maioria morava com pai e mãe (67%), e 19,3% apenas com a mãe. Sobre o relacionamento familiar, cerca de um quarto (26,6%) dos escolares referiram

que seus pais viviam separados, enquanto para 60,1% eles viviam juntos e com bom relacionamento entre si. Dos 5,8% com pai e/ou mãe falecido(s), apenas o pai de 4,3% (44) dos alunos havia falecido. Dentre os que possuem religião (93,2%), 80,2% referiram praticá-la.

Na Tabela 2 encontra-se a porcentagem dos que receberam orientação a respeito de drogas na escola, e qual a sua avaliação quanto a esta, sem especificar tipo ou carga horária. Apenas 10,8% negaram ter recebido orientação sobre drogas, e dos que dizem ter recebido, mais de 90% consideraram a orientação útil ou muito útil.

Na Tabela 3 estão os principais meios escolhidos para a veiculação de campanhas preventivas contra o uso de drogas, contudo sem explicação sobre a abordagem ou con-

Tabela 1 - Características sociais de escolares do ensino médio de escolas públicas. SJRP, SP, 2003. N = 1035

Table 1 - Social characteristics of public high school students. São José do Rio Preto, São Paulo, Brazil, 2003.

		N*	%
Mora com	Mãe e pai	683	67
	Só com mãe	197	19,3
	Só com pai	36	3,5
	Outros familiares	67	6,6
	Outros**	36	3,5
Como vivem os pais	Juntos com bom relacionamento	613	60,1
	Juntos com relacionamento regular / ruim	77	7,5
	Separados	271	26,6
	Pai e ou mãe falecido (s)	59	5,8
Relação com a mãe	Ótima / boa+	924	93,3
	Regular / ruim / péssima+	63	6,7
	Não convive	36	3,5
Relação com o pai	Ótima / boa+	753	86,4
	Regular / ruim / péssima+	118	13,6
	Não convive	150	14,7
Trabalho	Trabalha	412	40,2
	Não trabalha	612	59,8
Religião	Não tem religião	70	6,8
	Prática	777	80,2
	Não prática	192	19,8

* Os totais não coincidem devido à falta de dados para algumas variáveis / Totals do not match due to missing data for some variables

** Cônjugue / companheiro; amigos; sozinho; república; pensão / Spouse / companion; friends; alone; student dorm; student house

+ Excluindo não convive / Excluding "no contact"

Tabela 2 - Relato de orientação sobre drogas na escola e avaliação desta. SJRP, SP, 2003. N=1035

Table 2 - Orientation about drugs provided by school and its evaluation. São José do Rio Preto, São Paulo, Brazil, 2003.

	N	%
Não recebeu orientação	111	10,8
Recebeu orientação	913	89,2
Total	1024	100
Avaliação da orientação	n	%
Muito útil	505	55,4
Útil	344	37,7
Pouco útil / inútil	63	6,9
Total	912	100

Tabela 3. As estratégias escolhidas pelos escolares para campanhas educativas de prevenção do uso de drogas. SJRP, SP, 2003.

Table 3. Strategies chosen for educational campaigns against drug use according to students, São José do Rio Preto, São Paulo, Brazil, 2003.

	N*	%	IC 95%	
Palestra	854	83,1	80,8	85,4
Televisão	740	72	69,2	74,7
Jornal	346	33,7	30,8	36,5
Cursos	301	29,3	26,5	32,1
Cartazes	286	27,8	25,1	30,6
Rádio	265	25,8	23,1	28,4
Outros**	54	5,3	3,9	6,6

* Podia assinalar mais de uma alternativa / Could choose more than one alternative

** Teatro, Internet, pais, outdoors, "a realidade" / Theater, Internet, parents, billboards, "reality".

teúdo dos mesmos. A palestra foi considerada um bom meio por 83,1% dos alunos. Sua justificativa está na possibilidade de interação entre o palestrante e os alunos, de questionar alguém com entendimento do assunto, e de conhecer ex-usuários recuperados ou em processo de recuperação. Algumas frases relacionadas às palestras foram:

"O interessante seria palestras (sic) com ex-drogados, para que eles passem a história de vida deles e nos estimulem a não entrar nesse mundo das drogas."

"As pessoas principalmente os jovens, gostam de sempre expor suas opiniões, e não há como fazer isso lendo um simples cartaz, é preciso contato com pessoas que já tiveram

experiência e ex-usuários de drogas, e nada melhor que uma palestra."

"Através das palestras você vê testemunhos de pessoas que eram ex-drogados e isso dá força para que as pessoas que usam droga saibam que têm chance de sair dessa vida e seguir uma vida conforme os conceitos de Jesus."

"Pelo contato pessoal, principalmente se o palestrante já foi viciado e conseguiu sair dessa."

"Possibilidade de se expressar."

"Porque conversar é o melhor jeito."

"Porque quando tenho dúvidas, posso discutir o assunto."

A televisão foi bastante citada, por ser acessível a todos, com maior alcance e velo-

cidade para divulgar a informação, “É onde atinge um maior número de pessoas, principalmente jovens”. Poucos comentaram os cursos, e os cartazes foram considerados pouco eficazes, devido à não interatividade e “Porque as pessoas não param para ler cartazes”, mas uma alternativa a mais para a prevenção, ou “Porque chama atenção um cartaz grande com fotos de pessoas que usa droga (sic) e os problemas que passa por causa do vício”.

Muitos alunos assinalaram várias alternativas e 80 alunos assinalaram todas, com as seguintes justificativas:

“Quanto mais informações tiver, melhor.”

“Porque quanto mais falar no assunto ‘Drogas’ mais informados (sic) serão as pessoas, e assim ficarão mais conscientes.”

“Por que (sic) quanto mais falar o mal que a droga faz mais nós estudantes vamos ficar longe delas.”

“Todos os meios de comunicação são eficientes, mas não infalíveis.”

“Pois devemos usar de todos os meios de comunicação possível (sic) para que todas as pessoas saibam do respeito das drogas (sic), para assim nos prevenir deste mal, que + e + acaba com a juventude.”

“Porque é necessário que todos os meios de comunicação desaprovem as drogas e não apoiem, com comerciais engenhosos, e com essas estratégias fica mais descontraído (sic) as campanhas.”

“Assim todo mundo saberá que as drogas causa (sic) morte.”

“São meios que (sic) todos podem obter informações. Obs: Sem doar seringa ou camisinha pois isso incentiva, (ilegível) desaprovam totalmente essas práticas errôneas.”

“Por quê (sic) com tudo isso se as pessoas quiser (sic) usar drogas ela é burra.”

“Mostra o que faz com a pessoa que usa.”

Apenas 6 alunos não assinalaram nenhuma alternativa, comentando:

“Eu acho que nenhum porque quem usa drogas não tá nem aí no que as outras pessoas falam, nem jornal, televisão e palestras, usa e nem liga.”

“Liberando o uso o sujeito não iria matar nem roubar para fumar, ou seja o governo deveria fazer uma plantação e quem quizesse (sic) buscava aí iria perder a graça e não existiria mais o tráfico. e fuma só quem quer.”

“Nada, vai pela cabeça de qualquer um e de cada um.”

Além desses, um aluno que escolheu apenas palestras escreveu: “Na verdade na minha opinião quanto mais se fala em drogas mais as pessoas vão se lembrar que existe drogas e vão começar a usar mais.”

Dentre as respostas não existentes na questão, o teatro foi a mais citada, por permitir interação, melhor compreensão e ser interessante, segundo os escolares.

Eles avaliaram também seu próprio conhecimento a respeito das drogas. 78,4% dos alunos consideraram-se bem informados sobre o assunto, enquanto apenas 4,8% disseram estar razoavelmente ou pouco informados. Os outros 16,8% consideram-se informados, uma alternativa entre as anteriores.

A Tabela 4 (segunda coluna) contém a pessoa que os escolares procurariam para conversar sobre drogas. Os alunos escolheram principalmente os próprios pais (56,6%) e os amigos (50,5%), seguidos pelos profissionais especializados e professores (com 30,4% e 22,7% respectivamente). Dentre todos os escolares, 4,2% não procurariam ninguém para conversar sobre drogas. Nessa questão não havia a alternativa “Religiosos”.

Quando foi questionado aos alunos com quem eles aprenderam sobre drogas (Tabela 4, primeira coluna), os pais foram os mais citados (66,5%), seguidos dos professores (60%). As revistas e jornais foram selecionados por 51% dos escolares. Pessoas teoricamente leigas, porém do convívio dos escolares, também foram escolhidas, como amigos (41,4%), namorados (11%) e irmãos (13,2%).

Para os resultados das Tabelas 5 e 6, foram utilizados os dados referentes ao consumo de drogas (Silva et al.)². Foi criada a variável DROGA no mês, que engloba o

Tabela 4 - Com quem os escolares do ensino médio público aprenderam sobre drogas e quem escolheriam para conversar sobre drogas. SJRP, SP, N=1035*

Table 4 – From whom high school students learned about drugs and whom they would choose to talk about drugs. São José do Rio Preto, São Paulo, Brazil, 2003.

		Aprenderam	Conversariam
Pais	N (%)	680 (66,5)	580 (56,6)
	IC (95%)	63,5 – 69,6	53,5 – 59,6
Professores	N (%)	615 (60,1)	233 (22,7)
	IC (95%)	57,0 – 63,1	20,2 – 25,4
Revistas / Jornais	N (%)	524 (51,2)	**
	IC (95%)	48,1 – 54,3	
Amigos	N (%)	424 (41,4)	518 (50,5)
	IC (95%)	38,4 – 44,5	47,4 – 53,6
Profissionais especializados	N (%)	371 (36,3)	312 (30,4)
	IC (95%)	33,3 – 39,3	27,7 – 33,4
Religiosos	N (%)	205 (20,0)	**
	IC (95%)	17,7 – 22,7	
Irmão (s)	N (%)	135 (13,2)	184 (18,0)
	IC (95%)	11,2 – 15,5	15,7 – 20,5
Namorado (a)	N (%)	112 (10,9)	202 (19,7)
	IC (95%)	9,1 – 13,1	17,3 – 22,3
Ninguém	N (%)	17 (1,7)	43 (4,2)
	IC (95%)	1,0 – 2,7	3,1 – 5,7
Outros ⁺	N (%)	30 (2,9)	29 (2,8)
	IC (95%)	2,0 – 4,2	1,9 – 4,1

* Podia assinalar mais de uma resposta / Could choose more than one alternative

** Dados não levantados / Data not collected

+ Outros parentes, Deus, Jesus... / Other relatives, God, Jesus

consumo de cocaína, crack, alucinógeno ou anfetaminas no mês anterior à da pesquisa.

Na Tabela 5 estão os resultados do cruzamento do consumo de drogas com dados referentes à informação sobre drogas. Dentre aqueles que relataram ter recebido informação e a consideraram muito útil ou útil, houve menor porcentagem significativa de consumo de álcool na semana, e tabaco, maconha ou outras drogas no mês.

Na Tabela 6 foi excluído das fontes de informação o item Ninguém devido ao pequeno número de estudantes ter escolhido essa opção. Excluídos Namorado(a) e Irmão(s) por serem os resultados semelhantes aos de Amigo(s), e terem sido menos selecionados. Excluído Religiosos devido à

menor frequência e pouca significância nos resultados (apenas associado a menor uso de álcool na semana).

Entre aqueles que referiram ter aprendido sobre drogas com os amigos (Tabela 6), houve maior taxa de consumo recente de drogas lícitas e ilícitas, enquanto aprender com os professores e pais foi associado com menor uso. Selecionando-se os que relataram ter aprendido com jornais ou revistas, apesar das menores taxas de consumo para todas as drogas, houve significância apenas para o menor consumo de drogas ilícitas, com exceção da maconha (p-valor 0,07).

Discussão

O estudo apresenta limitações quanto à

Tabela 5. Consumo de drogas e relato de recebimento de informação sobre drogas na escola, avaliação desta informação, e quanto o estudante se considera informado sobre o assunto. SJRP, SP, Brasil. N=1035+

Table 5 - Drug consumption and report of receiving information about drugs at school, its evaluation, and how much students consider themselves informed about drugs. São José do Rio Preto, São Paulo, Brazil.

		Recebeu informação	Não recebeu informação	Muito útil / Útil	Pouco útil / Inútil	Bem Informado **	Menos Informado***
Álcool na semana	n	119 / 906	34 / 110	111 / 871	24 / 86	118 / 797	35 / 219
	%	13,1	30,9	12,7	27,9	14,8	16,0
	p*	<0,001		<0,01		NS	
Cigarro no mês	n	65 / 907	23 / 108	59 / 866	14 / 87	57 / 795	31 / 220
	%	7,2	21,3	6,8	16,1	7,2	14,1
	p	<0,001		<0,05		<0,01	
Maconha no mês	n	26 / 905	15 / 109	22 / 870	8 / 86	30 / 794	11 / 220
	%	2,9	13,8	2,5	9,3	3,8	5,0
	p	<0,001		<0,05		NS	
DROGA++ no mês	n	17 / 898	12 / 95	10 / 861	10 / 76	18 / 788	11 / 216
	%	1,9	11,2	1,2	11,6	2,3	5,1
	p	<0,001		<0,001		<0,05	

* Qui-quadrado / *Chi-square*

** Inclui as opções "Muito bem informado" e "Bem informado" / *Includes options "Very well informed" and "well informed"*

*** Inclui as opções "Informado", "Razoavelmente informado" e "Pouco informado" / *Includes options "Informed", "Reasonably informed" and "Little informed"*

+ Os totais não coincidem devido à falta de informação sobre algumas variáveis / *Totals do not match because of missing information on some variables.*

++ Uso no último mês de cocaína, crack, alucinógeno ou estimulante / *Used cocaine, crack, hallucinogen, or stimulant in month before*

NS Não significante (p-valor >0,05) / *Not significant (p>0.05)*

Tabela 6 - Cruzamento do consumo de drogas com a fonte de informação sobre drogas selecionada pelos escolares. SJRP, SP, Brasil. N=1035

Table 6 - Crossing between drug consumption and students' selected source for drug information. São José do Rio Preto, SP, Brazil.

		Pais		Professores		Amigos		Profissionais Especializados		Jornais/Revistas	
		Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
Álcool na semana	n	92/677	60/338	71/611	81/404	87/442	65/593	46/368	106/647	67/520	85/495
	%	13,6	17,8	11,6	20,0	20,6	11,0	12,5	16,4	12,9	17,2
	p*	NS		<0,01		<0,001		NS		NS	
Cigarro na semana	n	44/676	43/338	35/614	52/400	50/421	37/593	18/370	69/644	41/522	46/492
	%	6,5	12,7	5,7	13,0	11,9	6,2	4,9	10,5	7,9	9,3
	p*	<0,001		<0,001		<0,05		<0,05		NS	
Maconha no mês	n	13/675	27/338	10/612	30/401	28/421	12/592	3/336	37/647	14/520	26/493
	%	1,9	8,0	1,6	7,5	6,6	2,0	0,8	5,7	2,7	5,3
	p*	<0,001		<0,001		<0,001		<0,001		NS	
DROGA** no mês	n	11/666	17/337	8/606	20/397	19/419	9/584	3/362	25/641	6/514	22/489
	%	1,6	5,0	1,3	5,0	4,5	1,5	0,8	3,9	1,2	4,5
	p*	<0,05		<0,001		<0,01		<0,01		<0,01	

* Qui-quadrado / *Chi-square*

** Uso no último mês de cocaína, crack, alucinógeno ou estimulante / *Used cocaine, crack, hallucinogen, or stimulant in month before.*

NS Não significante (p-valor > 0,05) / *Not significant (p>0.05)*

generalização dos resultados para todos os adolescentes, pois foram abordados apenas os que frequentam a escola, em uma única cidade, e o questionário foi aplicado em um único dia, possivelmente eliminando os alunos cronicamente faltosos, como foi já abordado por Silva et al. (2006)². Trata-se também de questões subjetivas, nas quais o aluno opina sobre seu próprio conhecimento e sobre estratégias de prevenção de drogas, contudo sem fundamentação teórica.

Na caracterização sociofamiliar (Tabela 1), pode-se notar maior porcentagem de bom relacionamento com a mãe em comparação com o pai, porém com índices elevados para ambos. Para falar sobre drogas, 56,6% dos alunos escolheriam os pais, e 66,5% referem ter aprendido sobre o assunto com eles (Tabela 4).

A família tem influência na experimentação com drogas, com um bom relacionamento familiar servindo de proteção ao uso e também de auxílio na recuperação de usuários^{5,11,13,19-21}. Na entrevista com 30 usuários e 32 jovens que nunca utilizaram drogas, Sanchez et al. (2005) identificaram maior influência da mãe na prevenção da experiência com drogas, e melhores relações com ela do que com o pai¹¹. Enquanto este parece ser mais temido quando os jovens pensam em utilizar drogas, o respeito aos sentimentos da mãe parecem ter maior influência nessa decisão. Apesar disso, tanto a falta da mãe como do pai pode estar relacionada à experiência¹¹. Assim, podemos supor que os 39,9% de escolares cujos pais não vivem juntos ou com bom relacionamento estão mais suscetíveis ao uso de drogas (Tabela 1). A correlação entre o consumo de drogas e o relacionamento familiar nessa população identificou maior uso de maconha entre aqueles que não referiram os pais viverem juntos e com bom relacionamento²¹, e maior consumo desta e outras drogas entre aqueles que referiram uma relação com os pais diferente de ótima ou boa^{20,21}.

Quanto à informação sobre drogas, 89,2% referem que receberam orientação na escola, e 95,1% dos escolares referem

estar informados quanto ao assunto. A prevalência do consumo na vida de drogas lícitas e maconha encontrada na mesma população (Silva et al., 2006) foi superior ao número daqueles que se consideraram pouco informados ou que não receberam orientação, com 77% para o álcool, 28,7% para o tabaco e 12,1% para a maconha, mas inferior para cocaína (3,3%), alucinógenos (3,1%) e crack (1,4%), e também para o uso frequente dessas². Em outros estudos se faz a associação de não possuir informações sobre drogas e o início do consumo^{11,13,15}. Usuários de drogas entrevistados por Sanchez et al. (2005) relacionaram a experiência com drogas ao não acesso à informação sobre drogas na adolescência¹¹, apesar de aparentar ser comum a orientação sobre drogas nas escolas (Tabela 2). Assim, a relação entre a informação e o início do consumo parece ser mais importante para as drogas “pesadas”, porém não para as lícitas e a maconha, que é socialmente mais aceita^{10,22}. Na Tabela 5, vemos a associação dos escolares que se consideraram melhor informados com uma menor prevalência de consumo de cigarro no mês e drogas ilícitas, exceto a maconha.

Deve-se considerar também que o relato dos adolescentes não é exato, pois depende de seus próprios conceitos de “orientação” e de “informado”¹², como pode ser sugerido pelo estudo de Sanchez et al., no qual não-usuários referiram estar informados, enquanto os usuários negaram ter recebido orientação¹¹. Obtivemos resultado semelhante na Tabela 5, com maior prevalência do consumo recente de drogas entre aqueles que referiram não ter recebido informação sobre drogas nas escolas, e no grupo dos que avaliaram a informação recebida como pouco útil ou inútil. Em uma pesquisa sobre comportamentos de risco com 464 adolescentes do sexo feminino realizada por Miranda et al. (2005), na entrevista pessoal, entre 90,7% e 94,2% referiram acesso a informações de sexualidade, contracepção, DST e AIDS, contudo demonstravam desconhecimento na avaliação destes assuntos e submetiam-se a comportamento de risco:

41,9% usavam preservativos às vezes e 34,7% raramente ou nunca. e 31,6% ficaram grávidas²³. Portanto, não há como avaliar se a orientação e o conhecimento relatados pelos adolescentes são confiáveis. Devemos avaliar a possibilidade de o usuário se considerar menos informado como estratégia de “defesa” e transferência da responsabilidade de sua atitude para um terceiro, especialmente a escola. Tal hipótese pode ser reforçada pelo fato de os escolares que selecionaram o professor como fonte de informação sobre drogas terem apresentado menores taxas de consumo (Tabela 6), porém não há comentários nas questões abertas que a corroborem.

Os escolares selecionaram várias fontes para seu conhecimento sobre drogas (Tabela 4). (Na questão não havia as alternativas televisão e Internet.) Contudo, ao serem questionados sobre quem procurariam para conversar sobre drogas, menor número de alunos escolheria os pais, apesar de estes continuarem com a maior porcentagem (56,6%), e os profissionais especializados e professores, procurados por respectivamente 30,4% e 22,7% dos adolescentes. Maior número procuraria os amigos (50,5%) e namorado(a) ou irmão (Tabela 5). Podem ser analisados dois pontos nesses resultados, além da família, já discutida.

Primeiro, as autoridades (pais, professores, profissionais especializados) são fonte comum de aprendizado sobre drogas, mas os adolescentes preferem conversar sobre o assunto com pessoas do convívio próximo, em quem talvez tenham maior confiança. O caso dos professores é especial, pois muitos os citaram como fonte de informação, contudo não os procurariam para falar sobre drogas. Por outro lado, os adolescentes avaliados por Rebello et al. (2001) referiram que a escola é o lugar “ideal” para se abordar o assunto das drogas¹⁰. As revistas e jornais podem ser considerados autoridades; contudo, como observado por Ribeiro et al. (1998), os textos dirigidos a adolescentes podem conter ideologias de “combate às drogas”, drogas como agentes maléficis, e desconsiderar o raciocínio crítico do ado-

lescente, gerando uma orientação questionável^{11,12}. A religiosidade é com frequência associada a menores níveis de experiência com drogas^{11,24}, porém não é possível definir se a orientação sobre drogas que 20% dos alunos receberam dos religiosos têm algum papel nessa proteção. No atual estudo, aprender sobre drogas com os religiosos esteve associado a menor prevalência do consumo de álcool na semana, mas não foi relacionado ao uso de álcool, maconha ou outras drogas ilícitas no mês.

O segundo ponto é a importância do grupo social no consumo de drogas. Os escolares e seus amigos possuem, esperadamente, informação semelhante sobre drogas, mas 41,4% dos alunos aprenderam com seus amigos e 50,5% os procurariam para falar sobre esse assunto. Alguns estudos mostram a importância do grupo no início do consumo de drogas^{5,6,8,15,22}, e a confiança nas informações provenientes de usuários poderia levar o adolescente à experiência. Essa possibilidade é apoiada pela maior prevalência do consumo das drogas estudadas entre os escolares que escolheram seus amigos como fonte de informação (Tabela 6). Apesar desse dado, estudos avaliados por Cuijpers (2002) indicam o benefício de se introduzirem os pares dos estudantes como líderes nos programas de prevenção ao consumo de drogas, tornando-se mais efetivos¹⁷. O método de educação pelos pares estaria justificado, por nossos dados, pela alta frequência de escolares que procurariam um amigo para conversar sobre drogas (50,5%, Tabela 4), e o pequeno número absoluto de usuários no mês dentre aqueles que referiram ter aprendido sobre drogas com eles, apesar da significância, especialmente para as drogas ilícitas (Tabela 6).

Como estratégia dos programas de prevenção ao uso de drogas, a palestra foi a mais escolhida pelos escolares devido à possibilidade de interrogar os apresentadores e conhecer a realidade de usuários e ex-usuários. O interesse em participar de programas de prevenção interativos também foi observado por Monteiro et al. (2003)^{10,15}, assim como a crítica aos progra-

mas meramente informativos¹⁵, como é o caso dos cartazes (Tabela 3). As situações de diálogo e interação favorecem a reflexão e o aprimoramento do julgamento do adolescente¹², e a abordagem assertiva, que não permita questionamento, não é aceita facilmente^{1,12,15}. Cuijpers (2002) identificou a maior efetividade dos programas de prevenção interativos sobre os puramente informativos ao analisar estudos significativos a respeito¹⁷.

Os comentários relacionados aos programas de prevenção demonstram um adolescente reflexivo, apesar das colocações simples quanto à importância destes (*"Quanto mais meios melhor."*, *"Para consciências (sic), para que acabe as drogas (sic)."*), que aparentam considerar o recebimento de informação como "protetor", assemelhando-se às mensagens na mídia escrita destinadas aos adolescentes¹. São também simples quanto à ineficiência dos mesmos (*"Nada, vai pela cabeça de qualquer um e de cada um"*, *"o uso de drogas nunca vai acabar"*), desconsiderando que, apesar de o consumo de drogas estar presente em diversas culturas ao longo da História, é possível reduzir os danos causados pelo abuso de substâncias¹⁷. O comentário *"quanto mais se fala em drogas mais as pessoas vão se lembrar que existe drogas e vão começar a usar mais"* remete à condição de curiosidade que é indicada em alguns estudos como colaborador na experiência com as drogas^{15,22}. Monteiro et al. (2003), por exemplo, identificaram em uma pesquisa qualitativa com 62 jovens a curiosidade como um dos motivos de iniciação no consumo de drogas¹⁵.

Apesar de dizerem procurar e ter aprendido sobre drogas com os pais, professores e profissionais especializados, ao justificarem as palestras e outros meios foi comum citarem apenas o contato com ex-usuários de drogas, que contariam sua história e os malefícios resultantes em suas vidas; ou dizer para mostrar os problemas decorrentes do consumo de drogas nos usuários. Essas colocações consideram a saúde física, porém se esquecem do tráfico de drogas, da criminalidade, dos prejuízos cognitivos e

da dependência em si, aspectos de difícil demonstração em um indivíduo. Tais comentários nos levam à indagação: se não houver um usuário de drogas ou ex-usuário prejudicado, esses adolescentes confiariam na mensagem de especialistas? Eles precisariam do estímulo de um ex-usuário para se convencerem de que não devem usar drogas?

Por fim, nos comentários da questão aberta, determinados alunos falam sobre efeitos negativos do uso de drogas, principalmente sobre o corpo e alguns na vida pessoal e familiar, mas não citam o tráfico de drogas e a violência, frequentemente relacionados ao uso de drogas na mídia e em algumas pesquisas⁸. O comentário final *"Droga faz mal mas o duro é que é bom"* indica reflexão quanto aos malefícios do consumo, mas reconhecendo o prazer possível de se obter, face nem sempre abordada nos textos de prevenção sobre drogas¹.

Portanto, a relação dos adolescentes com a informação sobre drogas é complexa, reflexiva, e demanda igual consideração, evitando orientações puramente informativas, sem interatividade, de pouco impacto, ou mesmo que versem apenas sobre as drogas sem considerar a família, escola e contexto social¹⁷. O programa educacional deve visar um estilo de vida de baixo risco, envolvendo a família e a sociedade¹². Os adolescentes atualmente têm fácil acesso à informação, nem sempre fidedigna, e os programas de prevenção interativos podem auxiliar no julgamento do adolescente.

Conclusão

Em vista da complexidade da problemática do consumo de drogas e de como e por qual meio a informação sobre o assunto chega aos adolescentes, considerando sua capacidade crítica, é preciso elaborar estratégias educacionais visando permitir a interação e reflexão. Os adolescentes atualmente têm fácil e rápido acesso à informação e se consideram informados quanto às drogas. Consideram autoridades como fontes de informação sobre drogas,

mas preferem conversar sobre o assunto com familiares e amigos. A escola é vista como um local para se obter informações, e os professores têm papel importante nessa orientação. As estratégias dos programas de prevenção devem abordar a integralidade pessoal e social do adolescente. Conside-

rando o modelo da prevenção através da conscientização da população - no nosso caso, os escolares - é fundamental para o sucesso a apreensão do discurso dos que se propõem a conscientização pelos outros a serem conscientizados, isto é, só é possível quando reflete a demanda dos escolares.

Referências

1. Ribeiro TW, Perguer NK, Torossian SD. Drogas e adolescência: uma análise da ideologia presente na mídia escrita destinada ao grande público. *Psicologia: Reflexão e Crítica* 1998; 11(3): 421-30.
2. Silva EF, Pavani RAB, Moraes MS, Chiaravalloti Neto F. Prevalência do uso de drogas entre escolares do ensino médio do município de São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. *Cad Saúde Pública* 2006; 22(6): 1151-8.
3. Galduróz JCF, Noto AR, Fonseca AM, Carlini EA. *V Levantamento nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes do Ensino Fundamental e Médio da rede pública de ensino nas 27 capitais brasileiras, 2004*. São Paulo: CEBRID - Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo; 2005.
4. Soldera M, Dalgalarondo P, Corrêa Filho HR, Silva CAM. Uso de drogas psicotrópicas por estudantes: prevalência e fatores sociais associados. *Rev Saúde Pública* 2004; 38: 277-83.
5. De Micheli D, Formigoni ML. Drug use by Brazilian students: associations with family, psychosocial, health, demographic, and behavioral characteristics. *Addiction* 2004; 99: 570-8.
6. Medina-Mora ME, Cravioto P, Villatoro J, Fleiz C, Galván-Castillo F, Tapia-Conyer R. Consumo de drogas entre adolescentes: resultados de la Encuesta Nacional de Adicciones, 1998. *Salud Pública Mex* 2003; 45 (S1): 16-25.
7. Dormitzer CM, Gonzalez GB, Penna M, Bejarano J, Obando P, Sanchez M, et al. The PACARDO research project: youthful drug involvement in Central America and the Dominican Republic. *Rev Panam Salud Pública* 2004; 15(6): 400-16.
8. Windle M, Mason WA. General and Specific Predictors of Behavioral and Emotional Problems Among Adolescents. *J Emotion Behav Dis* 2004; 12(1): 49-62.
9. Miller L, Davis M, Greenwald S. Religiosity and substance use and abuse among adolescents in the National Comorbidity Survey. *J Am Acad Child Adolesc Psychiatry* 2000; 39(9): 1190-7.
10. Rebello S, Monteiro S, Vargas E. A visão de escolares sobre drogas no uso de um jogo educativo. *Interface - Comunic Saúde Educ* 2001; 5(8): 75-88.
11. Sanchez ZM, Oliveira LG, Nappo SA. Razões para o não-uso de drogas ilícitas entre jovens em situação de risco. *Rev Saúde Pública* 2005, 39(4): 599-605.
12. Donas S. *Marco Epidemiológico-Conceptual da Saúde Integral do Adolescente*. Organização Mundial de Saúde, Brasma: Brasil; 1992.
13. Ljubotina D, Galic J, Jukic V. Prevalence and risk factors of substance use among urban adolescents: questionnaire study. *Croat Med J* 2004; 45(1): 88-98.
14. Duvicq CGE, Pereira NR, Carvalho AMP. Consumo de drogas lícitas e ilícitas en escolares y factores de protección y riesgo. *Rev Latino-am Enfermagem* 2004, 12: 345-51.
15. Monteiro SS, Vargas EP, Rebello SM. Educação, Prevenção e Drogas: Resultados e Desdobramentos da Avaliação de um Jogo Educativo. *Educ Soc* 2003; 24(83): 659-78.
16. Abramovay M, Castro MG.. *Drogas nas Escolas - Versão resumida*. Brasília: UNESCO. Rede Pitágoras; 2005.
17. Cuijpers P. Effective ingredients of school-based drug prevention programs. A systematic review. *Addict Behav* 2002; 27: 1009-23.
18. Bardin, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70; 1977.
19. Schenker M, Minayo MCS. A importância da família no tratamento do uso abusivo de drogas: uma revisão da literatura. *Cad Saúde Pública* 2004, 20(3): 649-59.
20. Silva EF, Pavani RAB, Moraes MS, Chiaravalloti Neto F. Caracterização do consumo de drogas ilícitas entre escolares do ensino médio. *Arq Ciênc Saúde* 2007, 14(3): 135-9.
21. Pavani RAB, Silva EF, Moraes MS, Chiaravalloti Neto F. Caracterização do consumo de maconha entre escolares do ensino médio de São José do Rio Preto, SP, Brasil, 2003. *Rev Bras Epidemiol* 2007, 10(2): 157-67.

22. Coutinho MPL, Araújo LF, Gonttiès B. Uso da maconha e suas representações sociais: estudo comparativo entre universitários. *Psicologia em Estudo* 2004; 9(3): 469-77.
23. Miranda AE, Gadelha AMJ, Szwarcwald CL. Padrão de comportamento relacionado às práticas sexuais e ao uso de drogas de adolescentes do sexo feminino residentes em Vitória, ES, Brasil, 2002. *Cad Saúde Pública* 2005, 21(1): 207-16.
24. Francis LJ. The impact of personality and religion on attitude towards substance use among 13-15 year olds. *Drug Alcohol Depend* 1997; 44: 95-103.

Recebido em: 21/01/09
Versão final reapresentada em: 30/04/09
Aprovado em: 14/05/09